

UNIVERSIDADE TIRADENTES

LAÍS SANTOS DOS ANJOS

BULLYING E SUA REPERCUSSÃO NA SOCIEDADE:
UM ESTUDO NO COLÉGIO ESTADUAL ANTÔNIO
MATHIAS BARROSO EM SANTANA DO SÃO
FRANCISCO (SE).

Propriá
2011

LAÍS SANTOS DOS ANJOS

BULLYING E SUA REPERCUSSÃO NA SOCIEDADE:
UM ESTUDO NO COLÉGIO ESTADUAL ANTÔNIO
MATHIAS BARROSO EM SANTANA DO SÃO
FRANCISCO (SE).

Monografia apresentada à Universidade Tiradentes – UNIT, como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de bacharel em Serviço Social.

Orientação: Prof. Msc. José Wagner Costa de Santana.

Propriá
2011

LAÍS SANTOS DOS ANJOS

BULLYING E SUA REPERCUSSÃO NA SOCIEDADE: UM ESTUDO NO COLÉGIO ESTADUAL ANTÔNIO MATHIAS BARROSO EM SANTANA DO SÃO FRANCISCO (SE).

Monografia apresentada na Universidade Tiradentes – UNIT, como requisito básico para a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Bacharelado em Serviço Social.

Aprovada em: __/__/____

Banca Examinadora

Prof. Msc. José Wagner Costa de Santana
Universidade Tiradentes

Prof. Msc. Patrícia Santos Silva
Universidade Tiradentes

Prof. Msc. Nelmiros Ferreira da Silva
Universidade Tiradentes

Dedico este trabalho a Deus, por se fazer presente em cada dia de minha vida. A meus pais e irmãos pelo apoio e esforços, aos quais ofereço todas as minhas realizações.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por guiar meu caminho, dando-me força e coragem para vencer mais esse desafio.

A minha família: pai, mãe, irmãos, que estão sempre presentes nos fracassos e vitórias, pelo apoio e compreensão.

A M^a das Graças, ex-colega da faculdade, pelo apoio, estímulo e incentivos em todos os momentos que precisei.

Aos companheiros tanto de faculdade como de luta por transporte... Anderson, Daiany e todos os outros que passaram pela mesma dificuldade e que me ajudaram nesta lida. Foi difícil, estressante, mas valeu... Evandro sua ajuda neste momento foi fundamental...

Aos companheiros de sala também... Gorete, Laise, Thaíse, Juliana... Vocês são aquelas pessoas que ficaram entre tantas outras que passaram por mim, obrigada por tudo! Sentirei saudades...

E a todos que de forma direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, deixo o meu Muito Obrigado!

Laís Santos dos Anjos

O momento que vivemos é um momento pleno de desafios. Mais do que nunca é preciso ter coragem, é preciso ter esperanças para enfrentar o presente. É preciso resistir e sonhar. É necessário alimentar sonhos e concretizá-los dia a dia no horizonte de novos tempos mais humanos, mais justos, mais solidários.

Marilda Villela Iamamoto

RESUMO

O trabalho está fundamentado na pesquisa e estudo do fenômeno bullying e suas implicações na vida das pessoas, como se insere e repercute na sociedade, bem como a quem se atribui a responsabilidade pela prevenção e intervenção. Considerado um tema bastante relevante, à medida que é crescente o número de casos divulgados e denunciados nas manchetes dos noticiários, nas diferentes mídias. Esta é uma das principais motivações para se investigar as possíveis questões, suas causas e contribuições para que crianças, adolescentes e jovens reproduzam estes atos violentos, especialmente no ambiente escolar. De modo geral, torna-se necessário lembrar que o bullying é caracterizado como práticas agressivas frequentes contra uma ou mais pessoas, sem motivos evidentes e com conseqüências marcantes, para as pessoas agredidas. Para a realização desta pesquisa, foram adotadas as técnicas científicas, com destaque para a busca do conhecimento teórico e empírico; com o emprego da pesquisa bibliográfica, com base em autores dedicados à pesquisa sobre o bullying como fenômeno e fato social, como fonte de informações indiretas. Também foi realizada a pesquisa empírica, mediante a realização de entrevistas e aplicação de questionários para aqueles que fazem parte da comunidade escolar (alunos, professores/direção e pais) do Colégio Estadual Antônio Mathias Barroso localizado do município de Santana do São Francisco- SE. Como categoria de análise considerou-se a política educacional vigente na rede Estadual de Ensino e sua aplicabilidade. Assim, foi perseguido ao longo do trabalho como objetivo deste estudo a identificação da função do Assistente Social como educador, e sua atuação diante de conflitos escolares e a discussão sobre a presença fundamental neste ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: Bullying, Escola, Serviço Social, Educação.

ABSTRACT

The work is grounded in research and study of bullying phenomenon and its implications on people's lives. As if inserts and repercussions in society, as well as to whom is attributed the responsibility for prevention and intervention. Considered a theme quite relevant, as is increasing the number of cases reported and denounced headlines newscasts, in different media. This is one of the main motivations to investigate possible issues, their causes and contributions for children, adolescents and young people play these violent acts, especially in the school environment. In General, it is necessary to remember that the bullying is characterized as frequent aggressive practices against one or more people, without clear grounds and with striking consequences, for battered people. To carry out this research, scientific techniques were adopted, with emphasis on the empirical and theoretical pursuit of knowledge; with the use of bibliographic search, based on authors dedicated to research on bullying like phenomenon and social fact, as a source of indirect information. It was also held the empirical research by conducting interviews and questionnaires for those who are part of the school community (pupils, parents and teachers/direction) of the State College Antônio Mathias Barroso located in the municipality of Santana do São Francisco. As a category of analysis considered the educational policy in force in the State of network Teaching and its applicability. So, was chased throughout the work as a goal of this study the identification of the function of Social Assistant worker as an educator, and his performance in front of school conflicts and the discussion about the fundamental presence in this environment.

Key-words: Bullying, School, Social Service, Education.

LISTA DE SIGLAS

ABRAPIA - Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência

CEAMB - Colégio Estadual Antônio Mathias Barroso

CEAS - Centro de Estudos e Ação Social

CF - Constituição Federal

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

EJA - Educação de Jovens e Adultos

PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação

SUMÁRIO

01. INTRODUÇÃO.....	11
02. BULLYING COMO FENÔMENO SOCIAL	16
2.1. Conceito e Origem de estudos sobre bullying	16
2.2. Fatores determinantes para a reprodução do Bullying	23
03. CONSEQUÊNCIAS E RESPONSABILIDADES	25
3.1. Violência escolar X bullying	26
3.2. A Família como responsável pela educação dos filhos	29
3.3. A Escola e seu caráter preventivo	33
04. EDUCAÇÃO, SERVIÇO SOCIAL E BULLYING NO COLÉGIO ESTADUAL ANTONIO MATHIAS BARROSO	38
4.1. Breve histórico de atuação do Serviço Social na Educação	39
4.2. Como se dá a prática e a intervenção em casos de bullying, no CEAMB?.....	44
05. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICE	57

01. INTRODUÇÃO

O presente projeto tem por finalidade o estudo e pesquisa, a respeito de um fenômeno alarmante, o Bullying, que leva as pessoas a se questionar sobre o que está acontecendo com as crianças, adolescentes e jovens, o que mudou ou o que está mudando para que o número de casos aumente.

O trabalho está focalizado no CEAMB - Colégio Estadual Antônio Mathias Barroso, localizado no município de Santana do São Francisco- SE, por saber que o ambiente escolar é onde geralmente se reproduz e com a finalidade de verificar se o mesmo está apto para o enfrentamento do fenômeno. Em decorrência disto tomou-se a iniciativa de avaliar como se dá as relações neste espaço rico em diversidade, e que vez ou outra resultam em bullying, bem como se o sistema educacional está devidamente preparado para intervir em situações deste tipo.

Sabe-se que bullying é palavra inglesa sem tradução específica para o português, mas que suas características são iguais em qualquer lugar que for encontrado. Desenvolve-se por meio da humilhação, agressão psicológica, física e/ou moral, etc., de um(s) por outro(s), que julga ser fraco ou inferior, de forma repetitiva e sempre gerando consequências para a vítima e/ ou agressor.

Para Fante (2005, p. 35), o termo bullying compreende atitudes agressivas, repetidas e intencionais, sem motivação evidente, adotadas entre pares causando dor e angústia, dentro de relações desiguais de poder. A partir desta definição é possível verificar que o bullying, se configura como prática de constrangimento presente entre adolescentes e jovens, capaz de deixar registros negativos na relação dessas pessoas.

A pesquisa contribui para esclarecer os aspectos de violência no comportamento das crianças e adolescentes, e a responsabilidade que as instituições família e escola têm sobre

o processo de formação social e psicológica das crianças e adolescentes, a prevenção e enfrentamento do bullying, bem como quais os subsídios que a política educacional oferece.

Por ser uma proposta objetivando o diploma de Bacharel em Serviço Social é indispensável relacionar com a profissão, já que atualmente ganhou mais este espaço, passando a fazer parte da comunidade escolar no intuito de minimizar os reflexos da questão social na vida dos cidadãos.

O Colégio Estadual Antônio Mathias Barroso, teve sua primeira razão social intitulada “Escola Reunida Antônio Mathias Barroso” passando por “Escola de 1º grau A. M. B.” e “Escola de 1º e 2º grau A. M. B.” até chegar para o atual nome, o qual foi resultado de uma homenagem a um dos primeiros moradores do município o senhor Antônio Mathias Barroso.

Situado na Rua Eronildes do Sacramento, tem como atual diretora a senhora Maria Gorette Santana Santos. A escola apresenta em sua estrutura 10 salas, 04 banheiros, dois deles adaptados para os portadores de necessidades especiais, mini-biblioteca, laboratório de informática, secretaria, sala do diretor, cantina, refeitório e a quadra esportiva. Atualmente a equipe de profissionais é composta por 53 funcionários destes, 30 são professores, e recebe o total de 656 alunos. Atende do Ensino Fundamental (342 alunos) ao Ensino Médio (259 alunos) e aos programas EJA - Educação de Jovens e Adultos, Alfa & Beto.

Segundo.. No presente ano letivo houve uma grande evasão escolar, a qual ainda está sob investigação. O município de Santana do São Francisco é conhecido como a cidade do barro, lugar calmo e hospitaleiro e seu povo festeiro. Contudo, esta cultura está afetando na educação das pessoas. Como forma de lazer, acreditam que farras não podem faltar e o déficit na execução da política de educação no município, indica que talvez a junção (deficiência de política pública de lazer e de educação) seja um dos motivos para a evasão. Neste mesmo enredo, adolescentes (acima de 13 anos) já participam de festas até altas horas da noite,

ingerem bebidas alcoólicas, meninas engravidam cada vez mais cedo, e a perspectiva de emprego no município é a confecção de artesanatos, empregos domésticos, trabalhos agrícolas ou contratos na prefeitura municipal.

Na vivência escolar é possível notar conflitos pessoais e grupais, comportamento a princípio considerado normal em um ambiente onde se faz presente pessoas de diferentes personalidades, cultura, entre outras, mas que requer bastante atenção à medida que podem ou não proporcionar sequelas desagradáveis. Há certo tempo tinha como objetivo a instrução ou alfabetização de pessoas, hoje bem diferente, questões como as citadas anteriormente roubam a atenção neste cenário. São situações que por vezes ocasionam a origem de problemas sérios levados para toda a vida. Não aceitar a diferença do outro e a violência sofrida, a princípio em casa, compreende questões fundamentais para ser discutido.

Apesar da forte reprodução social e a repercussão na mídia, ainda há pessoas que não conhecem o fenômeno bullying ou não o distingue de outros casos. O Colégio Estadual Antônio Mathias Barroso - CEAMB, como várias outras escolas, ainda não está adaptado para identificar e interferir em problemas deste nível, e por tal não existe histórico de ocorrências no local. Recentemente alguns conflitos foram identificados e caracterizados como bullying, até mesmo pelos próprios pais. Podendo descaracterizar o fenômeno ou não permitir solucioná-lo.

Por mais que a discussão sobre o fenômeno seja nova no meio escolar, suas características e consequências sempre estiveram presentes, camufladas em conflitos, brincadeiras violentas e outros diversos problemas típicos no comportamento de crianças e adolescentes. Há até quem se pergunte quem nunca sofreu bullying?

Outro agravamento é que possuem em sua cultura a não demonstração de carinho e afeto para com as pessoas e como todos se conhecem, não veem motivos para expor sentimentos. A educação das crianças e adolescentes é deixada sob responsabilidade dos

professores, sendo mais um motivo que prejudica a intervenção, desde o momento que atribui ao professor o dever de educar ao mesmo tempo em que ensina, cria-se um déficit no processo educacional, seja na alfabetização ou na construção de sua identidade moral.

Durante a pesquisa realizada, foram utilizados os recursos investigativos adotados na pesquisa exploratória com abordagem qualitativa. Ao mesmo tempo, foram levantados e analisados os dados diretos, de forma a relacionar com a base teórica pesquisada.

Para melhor compreender as dimensões sociais sobre a questão do bullying foi baseado no método dialético, como modo de análise da realidade social em torno dos fatos, na perspectiva de se alcançar o entendimento da realidade com base nos fundamentos sociológicos, filosóficos e econômicos.

Durante a pesquisa de campo foi utilizado ainda como instrumentos: a entrevista, aplicação de questionários, observação sistemática – com o intuito de perceber em gestos, ações comportamentais e atitudes, questões não reveladas em respostas alcançadas.

Foram considerados como sujeitos e universo da pesquisa os alunos, os familiares e os educadores, que compõem a comunidade escolar do Colégio E. A. Mathias Barroso. Dentre estes, selecionados para amostra os adolescentes incluídos na 7^a e 8^a séries, quantificando o total de 84 estudantes.

Como categorias de análise foram consideradas a política educacional vigente na rede Estadual de Ensino e suas relações com a legislação federal e estadual de ensino, o fenômeno bullying, e os depoimentos coletados dos próprios adolescentes.

O Bullying se caracteriza por uma discriminação de certos cidadãos contra uma pessoa. Atos agressivos verbais ou físicos aparecem por vezes disfarçados em brincadeiras (de mau gosto) entre colegas da escola ou de trabalho. Uma diferença no comportamento, na maneira de se vestir, orientação sexual, entre outros se transformam em motivos para que

esses agressores entrem em ação, provocando em suas vítimas isolamento social, baixa auto-estima, desinteresse escolar, depressão e até suicídio.

Para a sociedade contemporânea esse tipo de violência tem uma nova versão chamada “cyberbullying” que se detém em reproduzir os atos utilizando meios de informações, na maioria das vezes a internet, principalmente sites de relacionamento.

Intitulado “Bullying e sua repercussão na sociedade: um estudo no Colégio Estadual Antônio Mathias Barroso em Santana do São Francisco (SE)”, surgiu diante do reconhecimento de fatos acontecidos, onde sabe-se que pouco atinge o interesse de pesquisadores tampouco da população, em relação ao conhecimento e tentativas de enfrentamento, sendo que nos dias atuais noticiários divulgam o aumento do número de casos de violência escolar, determinando mais atenção para esse ambiente.

Tendo isto em vista a relevância da pesquisa sobre os fatores que levam a criança e o adolescente a praticar bullying; acredita-se ser de fundamental importância estudar sobre os meios que a família, a sociedade e a escola utilizam como forma de enfrentamento. Do mesmo modo, saber sobre a postura adotada pelos pais, as pessoas em geral e os educadores, bem como, o entendimento que as crianças e adolescentes tem diante de um caso de violência. De tal forma, é importante também conhecer sobre a atuação do Serviço Social e a intervenção em casos de bullying.

Por se tratar de um fenômeno que muito influencia na vida das pessoas, é fato que tem séria importância não só o estudo como também a intervenção sobre o problema. A pesquisa é de grande valor, por procurar contribuir no entendimento da problemática, que é atual e tem relações com sérias consequências psicológicas para crianças e adolescentes.

Partilhando do mesmo objetivo, pude beneficiar-me como aluna do curso de Serviço Social no momento que se fez necessário repensar a atuação do Assistente Social de acordo com as dimensões teórico-metodológica, técnico-operativa e ético-política da prática e

as atribuições enquanto profissional de uma instituição, podendo esclarecer a fundamental presença do profissional do Serviço Social no setor escolar no que diz respeito a viabilizar direitos sócio-educacionais utilizando do próprio acervo teórico-histórico. E utilizando dos instrumentais plausíveis em suas ações, incentivar a inclusão social de modo a construir cada um a própria identidade e com isso minimizar a impressão de inferioridade.

02. BULLYING COMO FENÔMENO SOCIAL

Neste capítulo é feita a análise do bullying, como fenômeno social, a partir da construção de seu conceito, diante de estudos sobre a sua manifestação em diferentes meios sociais, na perspectiva de se verificar, os principais fatos e fenômenos sociais que contribuem para sua ocorrência.

2.1. Conceito e Origem de estudos sobre bullying

A palavra “bullying”, de origem inglesa não possui tradução específica, e vem sendo adotada para indicar várias ações (agressivas e aversivas) e atribuições, dentre as quais se podem tomar como exemplo: atormentar, perseguir, humilhar ou como os adolescentes mesmo dizem “zuar” repetidamente. Numa abordagem etimológica a palavra bullying “*é um verbo derivado do adjetivo inglês bully que significa valentão, tirano e que quando substantivada fica bullying, aquele que exerce a valentia contra outrem*” (MELO: 2010 p.19).

Entre as ciências sociais, que questionam a preocupação com o fenômeno se insere a Assistência Social, diante das manifestações e conflitos presentes na sociedade. Uma vez que, de fato a sua ocorrência sempre existiu, a questão principal é: Será que mudou

apenas o modo de interpretar e a importância dada às causas e consequências dos comportamentos entre as crianças, adolescente e os jovens, primordialmente no ambiente escolar?

A resposta para esta questão não é tão fácil, diante dos desafios enfrentados por quem se vê diante da exposição social e de possíveis constrangimentos, capazes de marcar vidas, por tempo indeterminado.

A ABRAPIA - Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência define-o como *“todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder”*.

O estudo e pesquisa sobre o fenômeno tiveram início nos países da Suécia, Noruega e Dinamarca em meados da década de 1970. Devido ao aumento do número de casos de violência escolar e suicídios entre crianças e adolescentes nos referentes países, o pesquisador norueguês Dan Olweus se deteve posteriormente a pesquisar sobre os fatos, tornando-se o pioneiro a discutir o fenômeno.

Em todo o mundo, o bullying se apresenta como manifestação de comportamento consciente, intencional, deliberado, hostil e repetido, de uma ou mais pessoas, cuja intenção é ferir o outro ou outros. As formas e comportamentos de bullying são diferentes e variadas, entre as quais se incluem: a violência e os ataques físicos, as gozações verbais, os apelidos e insultos, as ameaças e intimidações, a extorsão ou roubo de dinheiro e pertences, bem como, a exclusão do grupo de colegas.

Uma das formas de manifestação perversa do bullying é a afirmação de poder por meio de agressão, como ocorre na escola, no assédio sexual, nos ataques de gangues, na violência no namoro e na vida conjugal, no abuso infantil, do assédio no local de trabalho e o

abuso de idosos. Assim, todas as formas de bullying podem se fazer presente na sociedade e mudam ao longo da idade, como propõe Coloroso:

Bullying is not about anger, it's about contempt-a powerful feeling of dislike toward somebody considered to be worthless, inferior, and undeserving of respect. Rabbi Lerner calls it 'desanctification, not being able to see the divine in the other.'" Pierre Teilhard de Chardin called it "dehumanization," not being able to see the humanity in the other.

O bullying não está relacionado à raiva, não é um conflito a ser resolvido, tem a ver com desprezo – um forte sentimento de desgostar de alguém considerado como sem valor, inferior ou não merecedor de respeito, inútil. Rabbi Lerner chama de 'desanctification', não ser capaz de ver o divino no outro". Pierre Teilhard de Chardin chamou-lhe 'desumanização', não ser capaz de ver a humanidade no outro.

(Traduzido de: COLOROSO, Barbara Coloroso, The bully, the bullied and the bystander. Disponível em: http://www.bullying.org/external/documents/Bullying_Myths-Facts_Portuguese.pdf, 2010, n.p.)

Este desprezo vem acompanhado por três aparentes vantagens psicológicas que permitem que se machuque os outros sem sentir empatia, compaixão ou vergonha: um sentimento de poder, de que se tem o direito de ferir ou controlar outros; uma intolerância à diferença; e uma liberdade de excluir, barrar, isolar e segregar outros.

No Brasil os estudos específicos iniciaram a partir da década de 1990, como reflexo dos trabalhos desenvolvidos na Europa. Entre os principais trabalhos realizados, estão as pesquisas desenvolvidas pela professora Marta Canfield e seus colaboradores, no ano de 1997. Essas pesquisas foram realizadas, em quatro escolas de ensino público, do município de Santa Maria (RS). Do mesmo modo, merecem destaque, os estudos feitos pelos professores Israel Figueira e Carlos Neto (2000-2001) em duas escolas municipais do Rio de Janeiro (FANTE, 2005).

Outro marco histórico importante, indicado por Melo (2010), é o trabalho social desenvolvido por Cleo Fante, que criou o Programa Educar para a Paz, programa pioneiro no combate ao bullying na escola. E o trabalho da Abrapia que implantou, no ano de 2002, o

Programa de Redução do Comportamento Agressivo, envolvendo 5.875 estudantes de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental, de onze escolas localizadas no Rio de Janeiro.

De modo geral, os atos que caracterizam a ocorrência de bullying decorrem, de discriminações e preconceitos raciais, étnicos, econômico, sexual ou qualquer outro tipo, e pode ser caracterizado como verbal, física e material, psicológica, moral, sexual e virtual (cyberbullying).

O tema cada vez mais discutido na sociedade mundial, devido a grande repercussão de seus efeitos, que podem ser psicológicos, físicos ou sociais, havendo a possibilidade de passar a ser um menor infrator, ou pode-se até implicar em atitudes irreversíveis, como é o caso do suicídio¹. Efeitos estes que poderão ou não ser superados, e são sofridos não só pelos alvos, mas por todos em volta.

Neste enredo destacam-se três personagens que fundamentam esta relação. O principal envolvido, a vítima, gera sentimentos negativos, tornando-se possivelmente um adulto agressivo com dificuldade de se relacionar e até mesmo tentar o suicídio. Para o agressor, resta levar para sua vida adulta o mesmo comportamento agressivo de modo a adotar as atitudes no ambiente familiar e no trabalho possibilitando o envolvimento em atos criminais, pois sentem ser o mais forte, mais poderoso e bem visto pelos que estão ao seu redor. É importante também considerar aqueles que estão de fora que, por testemunhar as ações ficam inseguras e vulneráveis acreditando ser a próxima vítima ou ainda por não ter nenhuma recriminação, poderão adotar o comportamento.

O fenômeno também se repercute em outros cenários, como é o caso de ambientes de trabalho. Pode ser espaço público ou privado e possui as mesmas consequências. Através

¹ Neste ano (2011), um jovem de 14 anos cometeu suicídio após ser vítima de bullying. O adolescente era gozado principalmente na escola por ser bissexual. Porém quando resolveu divulgar um vídeo na internet onde falava sobre sua orientação sexual, as ofensas se intensificaram e passaram a ser via redes sociais. Entre algumas das mensagens recebidas está "o Jamie é estúpido, gay, gordo e feio. Ele merece morrer" e "Não me importava se morresse. Ninguém se importaria". <http://acapa.virgula.uol.com.br/politica/jovem-comete-suicidio-apos-assumir-homossexualidade-no-youtube/2/13/14805>.

de abusos contra outros e preconceitos adquiridos, atacam suas vítimas. Há estudos que descreve que são fatos resultantes da competição e individualismo vigente a partir do desenvolvimento do capitalismo. O consumismo, o querer ser sempre mais ‘custe o que custar’, a valorização do belo... Tudo influencia relações desiguais, de imposição de superioridade. Mas esta pesquisa está voltada para e/ou principalmente o ambiente escolar.

Quando se é alvo de algum tipo de violência as pessoas tendem a responder a ação agindo de diversas maneiras. E com as crianças não são diferentes, sendo que em geral reagem utilizando do mesmo meio, é o que mais gera os conflitos no ambiente escolar.

Entretanto faz-se necessário saber distinguir uma agressão eventual de uma prática de bullying. Crianças, principalmente meninos, costumam impor força e superioridade em suas brincadeiras, característica atribuída pela cultura masculina como forma de autoafirmação, e com isso a agressão pode ser confundida. É importante lembrar que o fenômeno bullying é tido por violência física, moral ou psicológica e sempre gera sequelas.

Outro ponto importante a ser destacado é que se realiza de forma direta ou indireta. Direta corresponde a agressões físicas ou verbais como bater, apelidar ou insultar. Já na forma indireta tende a ser em sua maioria, emocional ou psicológica, não deixando de ser tão perversa quanto a direta, podendo até gerar consequências mais sérias para o alvo, e se reproduz na maioria das vezes através de discriminação e/ou exclusão. É mais frequente no comportamento feminino. Elas utilizam da humilhação, intimidação, espalham boatos maldosos, abalam a reputação de outras almejando atingir cruelmente seu alvo.

Com o avanço da tecnologia os bullies encontraram outra forma de atormentar suas vítimas, utilizando meios de comunicação, principalmente redes sociais, humilham e constroem os considerados mais fracos. Essa nova prática é chamada de “cyberbullyng”. Como o espaço de ação é ilimitado, suas consequências também são nefastas. Agem

espalhando comentários, fotos comprometedoras, vídeos depreciativos que se alastram rapidamente.

Em relação aos motivos que influenciam para reprodução, são considerados fatores como culturais, sociais, econômicos e familiares, todos ligados ao preconceito ou discriminação. A não aceitação do ser diferente, a necessidade de poder (ser o mais forte) e ser popular ocasionam o ponto inicial para o surgimento de bullying.

Lógico que havendo intervenção tudo pode ser diferente e para isso há a necessidade de uma articulação da escola, onde na maioria das vezes é o lócus da ação, com a família. Suas consequências podem ser agravadas quando o agredido não consegue ser ouvido ou contar pelo que está passando até que alguma providência seja tomada.

A escola é um ponto de referência, lugar de fazer amigos, de crescer socialmente e aderirem a grupos aos quais se identificam, bem como o convívio na mesma é momento decisivo para aprendizagem e compreensão de valores sociais contribuindo na formação de cidadãos responsáveis.

É notório que muito pode abalar a auto-estima dos adolescentes, o fato de ser motivo de deboche dos colegas principalmente na escola onde predomina o local mais importante para ser aceito no grupo.

O ambiente escolar abrange uma diversidade humana e social, que se interagem o tempo todo estabelecendo relações sociais, seja aluno, professor ou pais, cada um com sua individualidade. É neste meio cheio de diferenças tão evidentes que trazem a tona conflitos inerentes a sociedade. E para tanto não estão preparados para tais situações, logo, tenta-se negar a realidade como de fato é.

Além disso, seu acesso é garantido por lei, *“a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”* (ECA - Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990, art.

53), devendo todos passar por esse momento fundamental para a vida em sociedade, desde o momento que faz-se necessário a alfabetização escolar ao convívio social.

A escola deve exercer seu papel de caráter preventivo de modo a preservar a integridade física e psicológica dos alunos. E a família como acolhedora e educadora, sendo que é nela que geralmente os atores do fenômeno Bullying se espelham. Contudo, a precarização do âmbito familiar e/ou social implica nesta vivência.

A família também tem sua importância neste processo de desenvolvimento social de seus descendentes, no momento em que se torna modelo para aqueles que estão em formação. Por vezes os pais não controlam seus filhos e entregam indiretamente a responsabilidade para os educadores, exigindo que disciplinem seus filhos. Quando isso não ocorre os próprios pais tendem a agir agressivamente para com os professores e funcionários da instituição. Outros motivos podem ser a presença de comportamentos que deterioram o contexto familiar como o alcoolismo, violência doméstica, ausência de valores, ausência de um ou dos pais, desemprego, etc. Esses agravantes por vezes influenciam negativamente na vida das pessoas. Atingem indiretamente nas crianças e adolescentes como é o caso do alcoolismo e/ou desemprego dos pais, e diretamente no caso de violências seja doméstica, sexual ou qualquer outro tipo.

Esses fatores repercutem no comportamento das crianças de maneiras diversas, podendo provocar o isolamento social, agressividade, baixa autoestima, baixa no rendimento escolar, irritabilidade, entre outros. A reprodução é praticamente inevitável, ocasionando o princípio da violência escolar. Lembrando que não necessariamente seja desenvolvido no ambiente escolar. Muitas vezes os bullies não passam de vítimas que adotam para seu comportamento o que vivencia em casa, principalmente a superioridade, a noção de que impor força e explorar atribui poder.

A violência está cada vez mais presente, chamando a atenção para problemas sociais que particularmente, a escola não se encontra preparada para enfrentar. Com o passar do tempo aumenta-se o número de meninos e meninas envolvidos em atos infracionais, no mundo da prostituição, drogas, entre outros. Antes direcionado para a pobreza, que encurralava estes para caminhos socialmente inadequados, contudo pesquisas mostram que parte de jovens que praticam crimes são de famílias de classe média a alta.

Devido ao que foi exposto é necessário salientar a importância que tem a relação entre escola-família para desvelar e solucionar casos de conflitos e, sobretudo de bullying em seus descendentes. É em meio a isto, que geralmente o Assistente Social se faz presente. No aspecto mediador das relações sociais indispensável também na comunidade escolar, caracterizando o estímulo ao protagonismo e enfrentamento de desigualdades. Neste aspecto atua contra o preconceito e em defesa dos direitos sociais.

2.2. Fatores determinantes para a reprodução do Bullying

O bullying é tido como um tipo de violência geradora de consequências graves para as crianças e a violência escolar decorrente de conflitos que ameaçam a integridade do ensino/aprendizagem. No entanto, todos os impasses que acontecem ou não na escola têm como justificativos fatores inerentes a sociedade. Geralmente atribui-se a situação econômica, mas para o público juvenil apontam diversos efeitos demonstrados no comportamento dos mesmos.

Entre as principais manifestações motivadoras do bullying, podem ser destacadas aquelas associadas aos meios sociais, culturais e familiares, que por sua vez influenciam na ocorrência do bullying, de tal forma, que evidenciam situações como má conduta moral. Por outro lado, problemas familiares decorrentes da falta de exemplo positivo no lar, a

permissividade exagerada, a violência doméstica, a omissão de afetos, entre outros. São condições sociais que se aproximam de pessoas com o perfil de timidez e passividade tornando-os mais propícios a submissão, ou seja, presas fáceis aos bullies.

A intolerância ou a não aceitação do diferente, no ambiente escolar, remete a questionar que tipo de relacionamento ou ensinamento há nas escolas. Considerando, que a escola é um ambiente onde a diferença prevalece, ou seja, qual justificativa pode-se dar a indiferença por parte de alguns se é obrigado a conviver durante horas de seu dia com aquilo que lhe contraria.

No caso do Brasil, considerado um país em desenvolvimento, em relação a esta questão, ainda parece estar atrasado, quer dizer, num lugar onde uma de suas maiores riquezas é a diversidade populacional. Alguns ridicularizam a presença do diferente como, por exemplo, quando caçoam o sotaque de terceiros, pois em cada região ou mesmo cidade as pessoas possuem um diferencial em seu comportamento e também no jeito de falar. Levando isto em conta é necessário ressaltar a existência de gangues e grupos que se organizam para atentar contra outros (o mais conhecido é o skinheads).

Esses grupos geralmente têm origem durante o período escolar, quando se forma laços de afinidade ou com pensamentos semelhantes juntam-se colocando em prática suas ideologias. Na maioria dos casos o lugar principal é a escola;

[...] o ponto de encontro forçado de tribos rivais ou de desafetos que não conseguem se evitar por serem forçados a conviver num mesmo espaço. Numa sociedade individualizante e narcisista, onde o outro passa a ser um incômodo, o tamanho das turmas e das próprias escolas, mesmo das menores, é desproporcional à capacidade de tolerância e convivência com a presença do outro nas subjetividades da atualidade. (MELO: 2010, p. 63).

Há ainda o preconceito contra deficientes, pessoas com dificuldades no peso (ser magro ou obeso), racial/étnico, de gênero. O preconceito dito como prejulgamento negativo sobre algo ou alguém e a discriminação é o tratamento desigual dado a estes, levando a

possível exclusão. Ou seja, a discriminação decorre do preconceito. *“Não reconhecer o outro nas suas qualidades, mas apenas ressaltando os seus defeitos favorece a discriminação. O preconceito pode se manifestar, às vezes, disfarçado de humor...”*. (Op. cit, 2010, p.64)

O despreparo ou omissão por parte dos profissionais de educação, também tem contribuído para a disseminação do bullying, na medida que deixam de orientar ou intervir em casos de violência, que muitas vezes isto ocorre pelo simples fato deste não está devidamente qualificado. Por outro lado, a escola se não estiver interessada em prevenir e proteger os discentes, ainda por descaso ou falta de interesse em melhorar a qualidade de vida dos alunos; corre sérios riscos, como bem disse Albert Einstein, em relação ao mundo, que este *“[...] é um lugar perigoso de se viver, não por causa daqueles que fazem o mal, mas sim por causa daqueles que observam e deixam o mal acontecer”* (Op. Cite). Neste sentido é imprescindível que professores e funcionários estejam atentos ao comportamento dos estudantes, pois muitos decidem sofrer silenciosamente por medo ou vergonha do que venha acontecer, sendo necessário que alguém intervenha.

03. CONSEQUÊNCIAS E RESPONSABILIDADES

Nesta pesquisa são analisados como principais ambientes de manifestação das consequências e responsabilidades, os cenários familiar e escolar, com destaque para a escola, no qual a ocorrência de bullying, a priori, ocorre com mais frequência e o debate necessita ser aprofundado.

Primeiro será debatido sobre o bullying, enquanto fenômeno social que ocorre na vida das pessoas, em etapas fundamentais, que é a infância, a adolescência e a juventude, período de afirmação social, de personalidade e identidade do indivíduo.

A família, enquanto lócus e cenário de preparação para a formação e o desenvolvimento humano, aqui considerada como a principal instituição criada pela humanidade, ambiente no qual se dá a análise das necessidades na consolidação da formação do cidadão.

Já a escola é a segunda casa na formação social, que complementa os ensinamentos familiares, se manifesta como a extensão do lar e o papel dos educadores é fundamental, na formação dos estudantes.

3.1. Violência escolar X bullying

A violência é um fator social alarmante que se faz presente no dia a dia das pessoas, se manifestando de diversas maneiras e por diversos motivos. Porém para que se possa discutir a questão em debate é necessário conceituá-la.

Discorrendo sobre o sentido etimológico do termo:

‘Violência’ vem do latim ‘violentia’, que significa violência, caráter violento ou bravo, força. O verbo ‘violare’ significa tratar com violência, profanar, transgredir. Tais termos devem ser referidos a ‘vis’ que quer dizer força, vigor, potência, violência, emprego de força física, mas também quantidade, abundância, essência ou caráter essencial de uma coisa. Mais profundamente, a palavra vis significa a força em ação, o recurso de um corpo para exercer sua força e portanto a potência, o valor, a força vital. (MICHAUD apud LOPES, GASPARIN, 2003)

Minayo (1994, n.p.) diz que *"a violência é um dos eternos problemas da teoria social e da prática política e relacional da humanidade. Não se conhece nenhuma sociedade onde a violência não tenha estado presente"*. A autora faz uma colocação perfeita para atual realidade, entretanto deve-se considerar em parte. É um problema relativo à humanidade, mas que não implica privar as pessoas de tentar mudar a situação em questão, não é necessário que seja aceita sem que se discutam prováveis modificações.

Falar em violência significa incitar uma complexa discussão. Alguns ainda persistem em afirmar que a principal causa é a pobreza, mas como pode ser se nos últimos dias os noticiários relatam atos violentos horrorizantes envolvendo jovens de classe média a alta. O que justifica tal conduta? Noticiários mostram que eles são os que mais morrem e matam no Brasil, muitas vezes por motivos fúteis como, por exemplo, matar os pais para ter acesso aos bens (herança).

Deve-se compreender que não é algo específico de um lugar, idade, classe social ou mesmo sexo. É algo referente à sociedade em geral, todos estão sujeitos a serem atores deste enredo, seja vítima ou agressor. Aliás, destarte não há como não ser vítima ou ficar indignado com o que acontece com os jovens principalmente brasileiros.

Muitos são aqueles que se propõem a estudar os porquês de tanta agressividade restando aqueles que fazem parte da comunidade escolar, a impotência diante de tais situações tornando a principal dificuldade a ser enfrentada. Entretanto há que se concordar no seguinte aspecto: a agressividade é a ocorrência de uma ação truculenta, que para se manifestar efetivamente é necessário mais de um motivo, mesmo que não seja tão inquietante como a pobreza.

Dentro deste contexto é necessário reconhecer o aumento no número de casos de violência nas instituições de ensino, sendo na maioria das vezes conflitos interpessoais envolvendo professor-aluno ou aluno-aluno, que por ventura decorre de problemas como a desestruturação familiar ou mesmo disputas de poder.

Quando se fala em violência escolar passa a ser mais preocupante pelo simples fato de que a criança representa a esperança de um futuro melhor e a escola o meio de preparação. E este está sendo alvo de diversos fenômenos que de uma forma ou de outra compromete a formação do caráter da pessoa. Assim como a convivência perturbada no seio familiar interfere, o convívio na escola também modifica a formação do indivíduo.

Segundo Charlot (2002, p.436), o conceito de violência escolar pode ser classificado em três níveis:

[...] o da *violência propriamente dita, o das incivildades e o da violência simbólica ou institucional*. Sob o primeiro rótulo, estariam os atos de violência facilmente identificados pelo senso comum como *golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo, etc.* Sob o segundo, estariam *as humilhações, as palavras grosseiras, a falta de respeito etc.* Já no terceiro estariam as práticas que nem sempre são avaliadas pelos atores como manifestações de violência, possivelmente por estarem arraigadas no cotidiano das escolas, como, por exemplo, a violência que se estabelece nas relações de poder em sala de aula ou a minimização da importância do professor no contexto escolar.

Hoje a escola não é vista como espaço de convívio social construtivo, apaziguador, de dinâmica cooperativa. Para alguns é apenas lugar de fazer e rever amigos, de aprender a ler e escrever e até de passar tempo.

A adolescência que é conhecida como o período mais conturbado da vida do ser humano e é onde começa as tentativas de se auto-afirmar dificultando o processo de educação, também corresponde ao momento favorável para a prática de bullying. É quando tem início as transformações corporais e as dúvidas em relação a função social, sexualidade, etc., são frequentes. As espinhas no rosto, a voz diferente, o corpo mais ou menos evoluído do que os outros colegas instiga o emprego de apelidos e conflitos.

O bullying é uma ramificação da violência escolar, porém mais grave. Sabe-se que apenas é considerado quando caracteriza atos constrangedores, repetitivos, intencionais e sem motivos aparentes. Requer mais atenção pela predisposição de gerar conseqüências. Pode ainda ser caracterizado em direto e indireto.

Direto é o que se diz mais comum ou aparente, quando há agressão física ou verbal. Já o indireto está mais ligado ao sexo feminino, não tirando a possibilidade de ser reproduzido por meninos, por acontecer principalmente através da disseminação de comentários desqualificantes. O bullying praticado por meninas difere pelo fato de ter sido

educada conforme uma cultura que desfavorece a violência direta. Utilizam-se da exclusão e humilhação, espalhando boatos, destruindo a reputação e várias outras formas para atingir a vítima; isto não quer dizer que não são agressivas, são vários os vídeos divulgado na internet com imagens de brigas de meninas na rua, em porta da escola inclusive na presença de familiares.

3.2. A Família como responsável pela educação dos filhos

Não se pode falar em família, sem referenciar com as mudanças nos diferentes contextos históricos, a exemplo do movimento feminista que influenciou a entrada da mulher no mundo social (desde o uso do anticoncepcional – que separou a sexualidade da procriação, até sua inserção no trabalho). A partir deste momento a estrutura familiar já sofre interferência, a mulher passa a escolher, decidindo ter ou não, quando e quantos filhos, diminuindo a extensão da família; outra questão é o afastamento da mesma do lar, dividindo este espaço com o homem, ou seja, partilhando as tarefas domésticas principalmente a de educar os filhos.

Outros processos sociais também condizem com a transformação da família, como: a aceitação da união estável, recentemente aprovada no Brasil; a composição familiar monoparental, comandada apenas por um dos membros, o pai ou mãe, o responsável como família; a dissolução do casamento civil; o reconhecimento de filhos obtidos ou não do casamento inclusive por adoção como legítimos e a determinação do amparo aos idosos. Todas estas questões garantidas constitucionalmente fazem com que sejam conceituados tipos de família ou mesmo arranjos familiares, dentre os quais é possível citar alguns deles, como: Nuclear – é a chamada tradicional, composta por pai, mãe e filho; monoparental – formada por apenas um responsável e filhos; ampliada – trata-se da nuclear acrescida com parentes

próximos como, avós, tios; homossexual – constituída por pessoas do mesmo sexo; reconstituída – fruto de uma nova união, independente de ter filhos ou não; etc.

É fundamental citar que a instituição – família, vem sofrendo também com problemas sociais que de alguma forma degradam a relação familiar (falta de afetividade, violência, dependência de drogas). Contudo, mesmo com o aspecto por vezes, desestruturado continua sendo a principal fonte de proteção e conforto. A família é responsável pelo desenvolvimento do ser social, preparando-o para um ambiente diferente (externo) do seio familiar, pois mesmo tentando proteger, livrar da violência e agressões as quais todos estão expostos é impossível não sentir os reflexos da questão social². E é nesse sentido que este ambiente serve como amenizador das tensões decorridas de um mundo globalizado e complexo.

Como bem chama a atenção Carvalho (2008, p. 271) ao colocar a família como:

[...] expressão máxima da vida privada é lugar da intimidade, construção de sentidos e expressão de sentimentos, onde se exterioriza o sofrimento psíquico que a vida de todos nós põe e repõe. [...] É um campo de mediação imprescindível.

Com a Constituição Federal de 1988 o Estado assume o compromisso de oferecer proteção social, porém junto à redução da máquina estatal a responsabilidade voltou para a própria família e a sociedade em geral, principalmente a escola que tem que está apta a responder as demandas. Porém houve um enfraquecimento em sua atuação no que se refere a criar e educar seus filhos. Surgiram novos desafios, estabelecendo a necessidade de criar uma interação com outras instituições.

² “A questão social não é senão as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia, a qual passa a exigir outros tipos de intervenção mais além da caridade e repressão”. (CARVALHO e IAMAMOTO 1983, p.77)

A escola passou a ser fundamental não apenas pela alfabetização, mas também por sua capacidade de mostrar como se dá as relações sociais, a dinâmica com grupos de pessoas diferentes, além da preparação para o trabalho. A função de disciplinar dificultada para os pais foi atribuída à escola, formando a nova relação família-escola, hoje conhecida como comunidade escolar.

Vários motivos fizeram com que chegasse ao que vive-se nos dias atuais. O desleixo da família para com a educação de seus descendentes, as expressões da questão social (inclui-se os diversos tipos de violência, desemprego, fome, etc.). Apesar do empenho para resguardar do caos que o mundo se encontra, alguns passam seu dever de dar o suporte necessário (moral, ético, psicológico) para os educadores escolares, contrariando uma de suas funções principais. De fato os pais sentem-se fragilizados frente aos problemas sociais tornando a relação da família com a escola indispensável.

Reconhecido todos os obstáculos, não se pode tomar como pretexto para se esquivar dos compromissos. Losacco (2008 p.64) deixa claro tamanha importância da presença da família para o indivíduo;

[...] é a instância predominantemente responsável pela sobrevivência de seus componentes; lugar de pertencimento, de questionamentos; instituição responsável pela socialização, pela introjeção de valores e pela formação de identidade; espaço privado que se relaciona com o espaço público.

No que tange ao comportamento, sabe-se que muitas atitudes principalmente a violência, que na maioria das vezes é mero reflexo da vida em família, correspondendo ao momento de aprendizagem ou consolidação de valores morais. É neste sentido que os pais tornam-se responsáveis pela concepção dos princípios básicos para a vida em sociedade.

A criança e o adolescente veem na família um espelho aspirando um dia ser como tal, reproduzindo tudo àquilo que presencia ou sofre. Levando conseqüentemente para um lado negativo como é o caso da violência doméstica, por exemplo, se vê o pai agredindo a

mãe pode compreender como um ato normal ou correto e reproduzi-lo em suas relações exteriores ao lar. Há estudos que comprovam que grande parte dos agressores ou bullies são ou já foram vítimas de algum tipo de violência, principalmente sofrida em casa. Da mesma forma a repressão, a falta de carinho, falta de regras estimulam a formação desse perfil.

No enfrentamento da violência escolar e/ou bullying devem ficar atentos a questões que podem caracterizar vitimização ou um suposto agressor. As vítimas principalmente não costumam conversar sobre o que está acontecendo, alguns indícios podem ser:

- Apresenta timidez em exagero?
- Apresenta ar de superioridade?
- Tem atitude desafiante e/ou agressiva com os pais ou irmãos?
- Sempre faz brincadeiras grosseiras?
- Mostra está deprimido?
- Inventava desculpas para faltar às aulas?

Outro ponto que pode ou não originar bullying é a criação familiar. O modo de educar reverenciando os estereótipos culturalmente impostos pela sociedade e que a família adota considerando-o moralmente correto, ou mesmo quando a criança não atende as expectativas ou não obedecem ao que a sociedade espera é naturalmente excluída. Desta forma a menina brinca de boneca, pois está ligada as coisas do lar e mais tarde adaptam-se a traços denominados femininos como ser delicada, está sempre bonita e na moda. Já o menino com brincadeiras mais rudes as quais sempre há imposição de força.

Por fim é imprescindível a relação família-escola e mais ainda o empenho da família neste processo de construção de valores apontado ser um meio primordial de prevenção contra o bullying.

3.3. A Escola e seu caráter preventivo

A escola pode ser considerada como um veículo construtor de conhecimentos onde avalia-se através de notas o desempenho e comportamento dos que ali se encontram. O mundo moderno estimula uma série de mudanças na vida das pessoas e lógico na educação dos seus filhos, uma delas é a transferência da responsabilidade de educá-los. A necessidade que os pais tem em relação a inserção no mundo do trabalho, faz com que as crianças sejam expostas a sociedade cada vez mais cedo e isto acontece por intermédio da escola, onde terá contato com concepções de vida diferente da sua. Considerando o dever de resguardar a integridade psicológica e física do aluno cria-se uma fraqueza no que diz respeito a construção de valores. Assim,

A educação constitui-se um dos principais ativos e mecanismos de transformação de um povo e é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias. Assim, a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo. (MEC/SEPPPIR, 2004, p.7)

O acesso a escola é garantido por lei como direito fundamental e social, e tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando como preza o artigo 2º da Lei nº 9.394/96, a LDB. Os recentes avanços no campo da educação são marcados pela promulgação da Constituição Federal de 1988, da LDB de 1996 e do PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação (2001-2010), em 2001, revalidado no Projeto de Lei (2011-2010), em trâmite no Congresso Nacional. São responsáveis pela execução a família, o Estado e a sociedade civil. Porém com os processos de privatização e minimização estatal, o setor educacional foi

desestruturando e o ensino público passou a ser desvalorizado, resultando no caos que vive-se hoje, em destaque a má qualidade do ensino público.

A LDB ao estabelecer as diretrizes da educação nacional preceitua que: “*a educação abrange os processos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais*”, quer dizer está além do ler e escrever (BRASIL: 1996, p. 01). É praticamente na escola que se aprende a conviver em sociedade através da interação com grupos diversos, emergindo o sentimento de pertencimento, solidariedade para com outros, entre outros. Para tanto,

a escola, por mais defeitos que tenha, ainda não encontrou substituto como local de reconstrução de toda a bagagem científica e cultural que a humanidade vem produzindo em sua trajetória. Esta bagagem constitui, hoje, elemento indispensável para ser cidadão do mundo, tanto para usufruir das formas de vida que este oferece como para nele atuar e continuar a transformá-lo. (GROSSI: 2000, p. 51)

Portanto é responsável pela preparação das pessoas para o livre exercício da cidadania e formação da consciência política dos sujeitos de direitos.

Borsa (2007 p.4) em sua pesquisa sobre o papel da escola na socialização da criança diz que,

[...] a escola não só intervém na transmissão do saber científico organizado culturalmente como influi em todos os aspectos relativos aos processos de socialização e individuação da criança como são o desenvolvimento das relações afetivas, e a habilidade de participar em situações sociais [...].

Em se tratando de bullying, a legislação brasileira, ainda não oferece nenhum respaldo para um enfrentamento além da proteção legal dos direitos sociais da criança e adolescente, definidos, no ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, e fica a critério de cada um dentro de suas competências como instituição escolar, criar e desenvolver projetos

ou mesmo eventos que estimulem os alunos a uma conscientização do que venha a ser o fenômeno.

O bullying não é um problema específico de classe social, idade ou qualquer outra questão, inclusive não se prende a um tipo de oferecimento escolar seja público ou privado. Estudos mostram que aquelas instituições que negam a existência de problemas que sejam se quer semelhante é porque desconhecem o problema. Consta na realidade de muitas escolas a falta de conhecimento sobre diversas demandas contemporâneas e o bullying, apesar de não ser novo, corresponde a uma questão que para entendê-la e evitá-la é necessário um estudo avançado.

Sob influência da violência, compreende-se que:

A escola, instituição epicentro da sociedade contemporânea, padece da violência canalizada para seu interior e daquela que ela gera nas suas próprias práticas como concentração de um contingente expressivo, vira alvo fácil de ações externas contra seus membros e ainda, nessa proximidade cotidiana, propicia ações violentas entre os próprios parceiros. (MELO: 2010, p 64)

A manutenção do status faz com que as pessoas tornem-se inseguras, depressivas, preocupadas com a imagem que passa para os outros, negarem-se ao contato com a sociedade, mas não adotar hábitos violentos, vingativos ou de autodestruição. As consequências causadas pelo bullying para aqueles que são mais sensíveis tende a ser mais agressivo.

O compromisso social que a escola possui está em buscar a sensibilização e companheirismo de uns para com outros, por meio do estímulo da solidariedade, aceitação ou respeito às diversidades. E um meio interessante é a criação de projetos de intervenção que exijam a participação de todos que façam parte da comunidade escolar e que intencionem a prevenção e enfrentamento da violência escolar, mais precisamente do bullying.

Já comentado anteriormente é dever de todos zelar pelo reconhecimento da criança e do adolescente como sujeito de direitos e pela efetivação dos mesmos, extraordinariamente aqueles referentes à pessoa humana.

O ECA prega em seu artigo 18º que: “*é dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.*” (BRASIL: 1990, p. 12)

É neste preceito que todos devem se voltar para o que está acontecendo. Algo indiferente ao bem-estar de relações sociais passa a fazer parte do cotidiano de instituições que deveriam ser apaziguadas para o livre desempenho social, psicológico e moral desses cidadãos em desenvolvimento.

É fundamental destacar o que está em um dos princípios do Estatuto, o da proteção integral, deixando claro que aquele que pratica ou omite um ato de violação de direitos está legalmente sujeito a punições. Assim, estabelece o artigo 5º que: “*nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais*” (Op. cit.).

Neste sentido faz-se importante salientar a questão da violência praticada por parte dos pais ou responsáveis. Considerando que, na atualidade é crescente o número de ocorrências como maus-tratos ou abandono de incapaz, pode-se afirmar que são eles os principais agressores.

Não se pode esquecer que ainda de acordo com o Estatuto qualquer caso de suspeita ou confirmação de maus-tratos deverá ser comunicado ao Conselho Tutelar, caso contrário qualquer pessoa ou mesmo instituição de atendimento a criança ou adolescente será responsabilizado judicialmente por omissão, e assim aponta em seu artigo 245:

Deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente:

Pena – multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência (Op. cit.).

Conforme dito anteriormente, que em relação aos casos de bullying, como ainda não existe legislação específica fica a critério de o judiciário executar as sanções previstas no ECA e na Constituição Federal de 1988, nos casos de infrações contra o menor criança e adolescente, ainda que por meio de registros de denúncias comprovadas ou de flagrante.

A escola procura solucionar dentro de suas competências, ou seja, insere em programas ou projetos de enfrentamento, fazendo acompanhamento psicossocial se possível e necessário, entre outras atividades. Contudo, em situações mais graves é competência dos gestores, encaminharem os casos para as autoridades locais, e assim são penalizados de acordo com a infração cometida, ressaltado que crianças em até 12 anos não são penalizados. Enfatizando que segundo o artigo 103 do ECA “*considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal*” (Op. cit.).

O preconceito chega a ser um ato comum nestes ambientes passando despercebido entre brincadeiras. A Lei de nº 7.716/89 define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Recentemente um caso chamou a atenção em uma escola - menina diz que foi agredida no banheiro da escola por sete meninas e a mãe conta que o motivo foi por ela ser negra. As agressões que já ocorriam há cinco meses continuaram nas redes sociais, onde a mesma foi taxada com o termo “macaca”. A família decidiu procurar a polícia, e segundo a Delegada as jovens irão responder por ato infracional e podem ser punidas por prestação de serviços comunitários. (Jornal Hoje)

A criança que pratica ato infracional é submetida a medidas de proteção, já o adolescente pode ainda ser submetido a medidas sócio-educativas ditadas pelo poder judiciário. Há ainda os casos em que os pais e/ou a escola são responsabilizados. A escola por

não ter agido ou omitido o apoio durante o ocorrido, e os pais por ter de alguma forma facilitado o fato.

04. EDUCAÇÃO, SERVIÇO SOCIAL E BULLYING NO COLÉGIO ESTADUAL ANTONIO MATHIAS BARROSO

A construção de projetos políticos educacionais apresenta relações diretas com projetos pessoais, em dimensões sociais e envolve diretamente diferentes atores sociais e sua atuação, em único ambiente, a escola.

Não há como formar projetos políticos educacionais se não houver projetos pessoais. Pois, não podemos criar alunos de costas para a realidade histórica, e não entender as conjunturas educacionais o esvaziamento dos direitos, e os desafios do cotidiano. Que impedem a construção da subjetividade de cada aluno, frente aos determinantes sócio-educacionais.

O trabalho do Assistente Social na Educação deve construir estratégias para que os discentes possam superar a subalternidade, de modo a entender que é necessário respeitar e ser respeitado, desafiando as políticas reparadoras, pois, elas não são retributivas e não produz emancipação das expressões e das práticas que representamos e reproduzimos. Todavia, o Assistente Social por ser um profissional que tem em suas ações mecanismos para desafiar conjunturas, e construir viabilidades em um cotidiano contraditório, levando a justiça com ações e não com discursos (AMARO: 2011, p. 06).

A construção de projetos de ação pedagógica é um dos principais instrumentos que dá vida através da dialética a mediação de problemas nas unidades escolares e contribui significativamente para o exercício, da inclusão e dos direitos sócio-educacionais, capazes

favorecer à construção de novas identidades, frente à fragilidade dos discentes em uma instituição e na inter-relação discente-docente-família-comunidade (Op. cit.).

Tudo só é urgente, quando temos a intenção de ser múltiplo nas nossas construções, partilhando a importância de uma educação com verdadeiras socializações das informações educacionais e dos direitos sociais. Para que este reflexo esteja em cada discente, de forma capacitada para enfrentar e participar contribuindo para formação de um conhecimento que já foi adquirido, onde poderá mudar mentalidades no que tange aos direitos sócio-educacionais.

4.1. Breve histórico de atuação do Serviço Social na Educação

Surge como profissão no país em meados dos anos 1930 como especialização do trabalho e sob influência do pensamento conservador. Teve origem imbricada com a questão social, resultada dos conflitos travados entre a burguesia e a classe operária, que buscavam melhores condições de vida e de trabalho em meio ao processo de industrialização. O Serviço Social aparece como amenizador das consequências resultantes destes conflitos e se consolida à medida que o Estado expande sua intervenção as demandas sociais.

A base do Serviço Social brasileiro está no surgimento de instituições assistenciais e paternalistas para suavizar as sequelas do desenvolvimento capitalista. É por meio disto que se dá início a implantação das primeiras escolas de Serviço Social e o desenvolvimento da então Ação Social. Em 1932 surge a primeira instituição chamada de CEAS - Centro de Estudos e Ação Social, em São Paulo, regulada pela doutrina social da Igreja, que mais tarde (1936) vem a ser Escola de Serviço Social.

Nos anos 1940 e 1950 há o desenvolvimento do Serviço Social de Caso, de Grupo e de Comunidade. Nos anos seguintes (décadas de 1960 e 1970), como forma de

modernização e desligamento das bases europeias, o Serviço Social passou por um período de renovação de suas teorias. Em busca de repensar as práticas e romper com o conservadorismo, quer dizer desligar-se do aspecto conservador da Igreja e também da influência norte-americana, deu-se origem ao chamado Movimento de Reconceituação do Serviço Social afirmando ser o meio essencial para a contínua reprodução e interlocução com a atualidade.

Nos anos 1990, se verificam no âmbito do Serviço Social os efeitos do neoliberalismo, da flexibilização da economia e reestruturação no mundo do trabalho, da minimalização do Estado e da retração dos direitos sociais. O Serviço Social amplia os campos de atuação, passando a atuar também no chamado terceiro setor, nos Conselhos de Direitos e ocupa funções de assessoria entre outros. (CRESS-TO 2010)

Já na contemporaneidade o Serviço Social exige,

[...] um profissional qualificado, que reforce e amplie a sua competência crítica; não só executivo, mas que pensa, analisa, pesquisa e decifra a realidade. Alimentado por uma atitude investigativa, o exercício profissional cotidiano tem ampliadas as possibilidades de vislumbrar novas alternativas de trabalho nesse momento de profundas alterações na vida em sociedade. (IAMAMOTO, 2008 p. 49)

É possível afirmar que a profissão não é algo pronto e se transforma à medida que a sociedade evolui. Portanto, o profissional tem que estar sempre atualizado e apto a resolver as demandas do mundo contemporâneo.

Iamamoto (Op. cit.) discorre sobre os instrumentos de trabalho classificando como um arsenal de técnicas (entrevistas, reuniões, encaminhamento, etc.) e o conhecimento (base teórico-metodológica) como meio fundamental sem o qual o Assistente Social não efetua seu trabalho. A mesma autora afirma que:

[...] é preciso apreender as demandas potenciais gestadas historicamente, contribuindo assim para recriar o perfil profissional do assistente social, indicando e antecipando perspectivas, no nível da elaboração teórica, da pesquisa ou da intervenção profissional, perspectivas capazes de responder às exigências de um projeto profissional coletivamente construído e historicamente situado.

[...] à medida que as novas situações históricas se apresentam, a prática profissional, como componente das mesmas, também é obrigada a se redefinir (Op. cit.).

Considerando a questão em estudo, a inserção do Serviço Social no espaço escolar corresponde às ‘novas demandas surgidas de problemáticas emergentes’ (MONTAÑO p. 198). Possui em sua formação um caráter educativo resultante das ações profissionais, as quais tem a possibilidade de influenciar direta ou indiretamente na vida e comportamento dos usuários.

O histórico da implantação do Serviço Social na modalidade escolar no Brasil, Amaro (2011, p.19) explicita que:

[...] o mais antigo registro de que temos conhecimento do serviço social educacional remete ao estado do Rio Grande do Sul, quando foi implantado como serviço de assistência ao escolar na antiga Secretaria de Educação e Cultura, em 1946. Articulado ao programa geral de assistência ao escolar, suas atividades estavam voltadas à identificação de problemas sociais emergentes que repercutissem no aproveitamento do aluno, bem como à promoção de ações que permitissem a “adaptação” dos escolares ao seu meio e o “equilíbrio” social da comunidade escolar.

E de acordo com a autora era requisitado em situações consideradas desvio, defeito ou anormalidade social, voltado à preparação social a fim de torná-los cidadãos produtivos e úteis ao capital.

Com o movimento de reconceituação, a atuação frente à educação também foi inovada, ou seja, antes a categoria preocupava-se em reproduzir a ordem vigente, hoje dedica-se a garantia e efetivação de direitos. As atividades foram remanejadas em prol do reconhecimento de fatores que muito provavelmente implicavam em episódios negativos como evasão escolar e repetência, partiu-se também para o incentivo da participação familiar.

Outro motivo para a defesa do Serviço Social escolar é o saber que durante a formação professores e demais funcionários da instituição nem sempre são qualificados para fomentar a conceitos de cidadania.

Todo o processo de apreensão de valores normalmente acometido no seio familiar é questionado no ambiente escolar à medida que se faz necessária a construção de projetos políticos educacionais, considerando que somam a base dos relacionamentos satisfatórios em qual quer ambiente que se encontre.

Local de interação social rico em diversidade, a escola é responsável pela construção e aprofundamento da cidadania. É palco também de conflitos e disputas de forças de toda ordem. Situações como violência, envolvimento com drogas ou álcool, relações familiares desestruturadas, desemprego, entre vários outros problemas sociais, se tornam cada vez mais presente no cotidiano escolar, a tudo isto remete-se a expressões da questão social. Em muitos casos, a preocupação com estas problemáticas induz para a adoção do Serviço Social no quadro técnico educacional, como tem acontecido em alguns Estados.

Porém esta intenção tem sido dificultada pelo discurso de alguns que alegam não ser preciso a incorporação de mais um profissional, quando outro (geralmente ligam a ações do pedagogo ou psicopedagogo) que já faz parte pode executar o mesmo trabalho, não percebendo que está sobrecarregando-o com funções que deveriam ser exercidas coletivamente e que parte das atividades não são atribuições específicas de sua formação acadêmica.

A isto deve-se também ao posicionamento de alguns profissionais do Serviço Social que não fazem por onde estabelecer as competências específicas da área acarretando na desvalorização e dificuldade na implantação da profissão. “É competente e com capacidade de empoderar o assistente social que reconhece e assume suas atribuições e coloca seu conhecimento e processos de trabalho a serviço de uma educação efetivamente cidadã, dos direitos de crianças e adolescentes, da diminuição das desigualdades, enfim, de relações igualitárias e pacíficas no cenário educacional e escolar”. (AMARO, 2011 p.171)

São várias as escolas públicas e privadas que contam com a presença do Assistente Social, estas estão localizadas nos Estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Paraíba e São Paulo, e segundo pesquisas, já mostram avanços no que tange a promoção da cidadania. Há outros Estados que tem projetos de lei aguardando aprovação, além de circular um de nível Federal que propõe a inserção do Assistente Social e também do Psicólogo em todas as escolas do país, seja pública ou privada.

Em seu trabalho interdisciplinar o Assistente Social utilizando de seus aparatos teórico-metodológicos e técnico-operativa mostra a capacidade que possui em planejar, elaborar, propor, coordenar e executar enquanto desenvolve as atividades pertinentes a sua profissão.

Segundo Amaro (Op. cit.) para atuar no ambiente escolar orienta-se por princípios, os quais pode-se citar:

- Defesa da humanização e prevenção de práticas discriminatórias na escola;
- Valorização e respeito à diversidade cultural, sexual, étnica e religiosa de indivíduos e grupos que habitam ou frequentam a escola;
- Autopromoção dos segmentos individuais e coletivos da escola;
- Qualificação das relações sociais construídas e vividas no espaço escolar;
- Protagonismo juvenil, ativo e responsável, de alunos e egressos na escola;
- Interdisciplinaridade e visão complexa da realidade social e sua interface com o mundo da escola.

Tais princípios estão relacionados com o Código de Ética Profissional (sendo o de 1993 o mais recente) que o orienta em suas práticas, entre alguns dos princípios fundamentais elencados estão:

[...] Empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças;

Defesa do aprofundamento da democracia, enquanto socialização da participação política e da riqueza socialmente produzida;
Posicionamento em favor da equidade e justiça social, que assegure universalidade de acesso aos bens e serviços relativos aos programas e políticas sociais, bem como sua gestão democrática;
Ampliação e consolidação da cidadania, considerada tarefa primordial de toda a sociedade, com vistas à garantia dos direitos civis sociais e políticos das classes trabalhadoras;
Compromisso com a qualidade dos serviços prestados à população e com o aprimoramento intelectual, na perspectiva da competência profissional (Código de Ética Profissional 1993).

A educação está além do ler e escrever, quer dizer, é para além da política educacional, e esta deve ser tomada pelos Assistentes Sociais,

[...] como um modo historicamente determinado de oferta e regulação dos serviços educacionais, que organiza diferentes formas de trabalho coletivo e modalidades de cooperação entre os profissionais que atuam nesta área, e considerar a educação como um fenômeno social, cujas práticas e seus sujeitos envolvem processos que embora se relacionem com a política educacional, a ela não necessariamente se circunscrevem (ALMEIDA: 2010, p. 39).

Para os Assistentes Sociais é imprescindível destacar duas vertentes a serem analisadas:

[...] a primeira diz que não se trata de avaliar a atuação apenas no interior dos estabelecimentos educacionais mais tradicionais como a escola, mas identificar que a política educacional engloba diferentes níveis e modalidades de educação e ensino. A segunda fala que a política educacional não encerra todas as particularidades da educação enquanto dimensão da vida social (Op. cit.).

Reconhecer que o ambiente escolar está afetado, e com maior intensidade nos dias atuais, não justificam a necessidade de sua atuação, mas de seu trabalho em conjunto com outras áreas para o enfrentamento das demandas existentes, pois as intervenções não competem exclusivamente a um único profissional.

4.2. Como se dá a prática e a intervenção em casos de bullying, no CEAMB?

Como é possível observar, a escola está inserida na política pública de educação. E já de antemão coloca-se como reprodutora de um sistema falho, mas que analisando a nível municipal identifica-se problemas referentes à questão social que podem justificar a desvalorização por parte dos próprios alunos. Por outro lado, deve-se ressaltar a postura do professor em sala de aula como fundamental no estímulo a formulação de conceitos.

Neste estudo foi atribuído como universo e sujeitos da pesquisa os alunos, seus respectivos pais e professores, bem como a direção do CEAMB do município de Santana do São Francisco – SE, sendo a amostra os alunos do 7º e 8º ano do ensino fundamental (que formam o total de 84 alunos), todos matriculados no período vespertino e com idade entre 13 a 18 anos. Os instrumentos utilizados para a pesquisa foram o questionário com perguntas abertas e fechadas para alunos e entrevista para os demais.

Com base no já exposto, o presente texto discorrerá sobre os resultados encontrados durante a pesquisa acometida em num colégio de rede pública do Baixo São Francisco e finalmente concretizar o estudo.

Realizada nos dias 19 e 27 de Outubro de 2011, discutiu-se em seu transcorrer funções e falhas das instituições (família e escola) no processo de desenvolvimento e educação de crianças e adolescentes. O objetivo também é saber o posicionamento tomado por ambos em relação a prevenção e enfrentamento do bullying e a compreensão dos estudantes sobre a temática.

A investigação realizada com a família, abordada como o ponto inicial de formação da consciência crítica e moral, teve como objetivo a análise da participação e responsabilização da mesma na vida social de seus descendentes. Quando interrogada sobre o comportamento, a maioria respondeu não haver problemas, a exceção de uns poucos que reconheceram a agressividade no filho, mas sem caracterizá-lo como um possível bullie. Em todas as questões levantadas foram pouquíssimos os que relataram algo, para os outros está

tudo em perfeita ordem. Todos os filhos estudando, o acompanhamento escolar exemplar, nenhum envolvimento em conflitos, porém sobre bullying responderam – “*não sei*” ou “*ah é aquilo de bater, chutar, apelidar*”, “*brincadeiras sem graça*”. Apenas 1 (uma) das mães entrevistadas apontou seu filho de 9 (nove) anos como uma criança agitada e vítima constante de alcunhas e que procura orientá-lo para que não dê atenção as provocações, a mesma impõe que a escola deveria ser mais presente no que diz respeito a informação e intervenção para estes casos, em suas palavras:

Os coleguinhas dele gosta muito de chamar ele de olhão. Ele às vezes diz - mãe os meninos me apelida tanto de olhão. Eu digo não ligue não meu filho.. mas chega da raiva..

[..] Ele chega mal humorado, triste, dizendo que os meninos apelidam de olhão.. ele já pediu muito para que tire dessa escola.. mas eu digo não meu filho, não é por causa de uma besteira dessa que vou tirar você, se fosse uma coisa mais grave eu tomava as providencias mas isso, deixe pra lá.

Neste caso o que mais chama a atenção é que a mãe espera acontecer o pior para tomar providencias, aparentemente desconsiderando, os sentimentos da criança e os reflexos que podem causar. Alguns casos acontecidos recentemente e um em especial como foi o massacre na Escola Municipal Tasso da Silveira em Realengo-RJ, na manhã do dia 07 de Abril de 2011, que segundo investigações o autor do crime sofreu bullying no período em que estudou na mesma escola que realizou a chacina, onde o ex-aluno matou 11 crianças e em seguida tirou a própria vida. O trágico episódio mostra que traumas adquiridos durante a infância ou adolescência podem gerar sentimentos de vinganças que infelizmente são postos em prática.

Continuando a entrevista com a direção escolar, não foi obtido respostas positivas como o esperado. Quando questionado sobre se está preparado para o enfrentamento de casos de violência ou bullying a coordenação responde “*não está*”, “*nenhuma está*”, retomando para “*depende do tipo*” e logo após pede para pular de pergunta sem mesmo explicar ou criticar o porquê não está. Sobre a criação de projetos ou a inserção em programas no intuito da

prevenção a resposta mais uma vez é “*não*” apenas quando há eventos toca-se no assunto. Com isto, é atrofiado casos de violência escolar ao histórico de bullying na escola, os quais são averiguados apenas a intensidade do ocorrido (a isto é referido a agressão física), se grave o Conselho Tutelar é acionado, do contrário é resolvido no local através de suspensão. O relacionamento com a família é mínimo, de acordo com o secretário, do total somente 3% dos responsáveis frequentam a escola, contrariando as respostas dos pais entrevistados que disseram participar e frequentar a escola.

Já os professores quando instigado sobre o comportamento dos discentes, disseram que é conturbado, e desta forma nota-se que a preocupação está voltada para os atos violentos mais evidentes ofuscando aqueles que se isolam ou que pouco interagem. Alguns alunos chamam a atenção pela agressividade demonstrada em sala, um dos professores diz “*sempre converso com eles, mas é difícil e eles não dão respostas concretas, às vezes me pergunto se é por falta de respeito, a permissividade exagerada, a perda da essência da família*”. Quando interrogado sobre bullying outro professor diz “*é tipo uma discriminação, preconceito*” completando que nunca houve durante sua aula e não tem em mente nenhum procedimento para usar em caso de presenciar um ato. A respeito de como e se a escola está preparada, todos responderam negativamente.

Desta forma resta a pergunta, será que essas famílias estão cientes do que está acontecendo ao seu redor? Não veem o fenômeno como preocupante, por acreditarem que os conflitos são comuns? Ou simplesmente as respostas foram dadas para não assumir suas falhas? Em relação ao fenômeno, foi observada a falta de conhecimento do assunto por todos os entrevistados. Não é considerado anormal para uma cidade de interior, entretanto é mais um impedimento para que ocorra a intervenção. A falta do apoio e do comparecimento junto à escola também implica dificuldades no tratamento contra a violência escolar. Sobre a escola é até inaceitável o desconhecimento de um fator que conseqüentemente alimenta o atraso no

desenvolvimento dos alunos. O despreparo dos professores também induz para o agravamento do problema, grande parte das vítimas não compartilha seu sofrimento cabendo aos que estão ao redor detectar e intervir, ressaltando que por mais que a instituição não ofereça bases o próprio professor dentro de suas atribuições pode fazê-lo.

O questionário aplicado para com os adolescentes buscou esclarecer o descaso ou retardo no que tange a orientação por seus educadores (seja familiar ou escolar). As questões foram diretas, objetivando a predisposição em expor fatos ocorridos, bem como a reflexão sobre seus atos. Já de início as questões ‘você já intimidou ou agrediu alguém?’ e ‘você já deu tapas, empurrões, beliscou, colocou apelidos ofensivo ou amedrontou colegas?’, levou os adolescentes a afirmar já terem se envolvido em algum tipo de conflito, colocando como agressões eventuais, pois completaram dizendo que ‘*ele me bateu primeiro*’ ou que eram brigas com irmãos e primos.

Infelizmente a pesquisa passou a ser vaga a medida que os estudantes continuaram a responder sem justificativas como: *sim; não; não sei; nada; nenhuma*. Porém, em uma das perguntas importantes para o estudo que diz respeito ao que conhece sobre bullying chegou-se as seguintes respostas:

20 – Conhece o fenômeno Bullying? Se sim, como descreve?

- Sim, quando alguém agride um colega da mesma escola. (14, M, 7ºB)

- Sim, quando a pessoa discrimina a outra. (14, M, 7ºB)

- Sim, agressão de todas as coisas. (15, M, 7ºB)

- Sim, é uma pessoa que faz agressões. (15, M 7ºB)

- Sim, brincadeiras sem graça e de muito mau gosto que ofendem pessoas indefesas. (16, F, 8º)

- Sim, uma coisa muito importante, acabamos se sentindo mais protegido. (17, F, 7ºB)

- Sim, um modo bom pra ter respeito na escola. (16, M, 7ºB)

- Sim, proteção de quem já sofreu ou está sofrendo agressões. (15, F, 8º)

A princípio houve uma enorme preocupação com algumas das respostas – quando o bullying foi atribuído como sinônimo de proteção; uma coisa muito importante; um modo bom pra ter respeito – por acreditar serem possíveis bullies, contudo depois de observar e analisar o comportamento e como se dá o cotidiano escolar, percebeu-se que se tratava apenas de palavras desordenadas.

Talvez, como resposta a tudo isto é que se chegou a conclusão de que os alunos também não estão a par do que vem a ser bullying. Não são dadas as informações necessárias para que possam evitar e prevenir-se. Sendo vítima, agressor ou espectador não o reconhecem em seus atos. Analisando o resultado juntamente com a observação do comportamento dos alunos foi possível identificar um déficit na consciência crítica dos mesmos e mais uma vez forma-se dúvidas, será por falta de interesse dos alunos ou por problemáticas na didática? As respostas dos adolescentes condizem com as entrevistas dos pais, professores e direção. A instituição necessita de mais habilidade em suas intervenções e buscar os meios necessários para prevenção tanto de bullying como de situações vexatórias que prejudiquem o desenvolvimento dos estudantes.

05. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo inicial identificar como o fenômeno bullying se repercute no meio social, suas consequências e como é feita a intervenção e prevenção por parte da comunidade escolar, bem como a atuação do Assistente Social na política educacional, afim de que pudesse aprimorar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso.

Porém, no decorrer do estudo foi observado o déficit relacionado ao enfrentamento do fenômeno e da violência escolar em geral, no qual tornou a pesquisa de campo um desafio, devido a falta de informação e o despreparo do público alvo investigado.

Para atingir o objetivo proposto seguiu-se etapas as quais foram: a pesquisa bibliográfica, a fim de fomentar uma discussão acerca da temática, que por sua vez proporcionou entender que a educação é o instrumento de formação profissional, cultural e social que o homem possui como essência de sua ascensão social, seja ela educação formal (escolar, direcionada para a preparação profissional) ou básica (nesta refere-se a familiar, moral, cultural). A escola como instituição, é o espaço que produz e influencia o conhecimento, possui a função primordial de preparar e proporcionar meios para que o indivíduo possa exercer a cidadania e que o mesmo seja protagonista na efetivação de direitos, principalmente através da participação social.

Todavia a educação não se restringe apenas a este conceito formador de conhecimento, também está relacionada a formas de formação, transformação e perpetuação de cultura e moral, quer dizer da consolidação do ser moralmente correto ou não. A isto remete-se a família, que é o alicerce estrutural para a formação do ser social e emocional de um indivíduo responsável pelo estabelecimento de regras que regulam o processo de interação e convivência social. Porém a instituição familiar está atrelada de novas expressões da questão social que desestrutura cada vez mais o ambiente familiar e que por vezes reflete negativamente nas relações interpessoais.

Completando e aprofundando o estudo, a segunda etapa propôs desenvolver a pesquisa de campo, e que por meio desta foi revelado que de modo geral os entrevistados desconhecem o conceito de bullying, entendido como uma simples forma de violência e/ou preconceito.

Outra etapa atribuiu-se a apresentação do papel e importância da presença do Assistente Social na escola, como mais uma força de prevenção de fatores que desvirtua o desenvolvimento de crianças e adolescentes, o mesmo se insere neste espaço como mediador das relações escola-família-aluno contribuindo com a função social da escola. Ressaltando que o Serviço Social atua, sobretudo, na defesa e efetivação de direitos inclusive dos segmentos infância e juventude, é fundamental que o profissional conheça o tema (bullying) e esteja engajado para com a prevenção e intervenção deste fenômeno.

Ao final de todo o estudo pode-se concluir que o bullying como fenômeno social é nada mais que um tipo cruel de violência, por afetar e ser quase que exclusivamente reproduzida entre crianças deixando consequências por toda a vida, e que não só o CEAMB, mas a comunidade em geral não está preparada ou qualificada para enfrentá-lo, acarretando numa necessidade de repensar sobre a interação família e escola, com isto toda a comunidade escolar deve se empenhar e abrir espaço para melhor trabalhar e discutir a questão. Partindo deste pressuposto, há a necessidade da escola em esclarecer e adotar medidas preventivas, debatendo e discutindo o tema com os alunos, como também instrumentos de suporte para intervir contra possíveis consequências.

Enfim, a elaboração desta monografia foi satisfatória à medida que proporcionou compreender a dimensão socioeducativa da atuação do Assistente Social e assim como contribuiu para própria formação, do mesmo modo, que com este trabalho possa contribuir, também para a formação de outros futuros companheiros de profissão.

REFERÊNCIAS

ABRAPIA - Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência. **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes.** Disponível em: <http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-154.pdf>. Acessado em 28 de Novembro de 2010, às 20h.25min.

ALMEIDA, Ney Luiz Teixeira de. O Serviço Social na Educação: novas perspectivas sócio-ocupacionais. 2010. Disponível em: <http://serviosocialemgeral.blogspot.com/2010/04/o-servico-social-na-educacao-novas.html>

AMADO, J. **Contextos e formas da violência escolar.** Separata Revista Portuguesa de História, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Instituto de História Econômica e Social, t. XXXVII, 2005. 299-319pp.

AMARO, Sarita. **Serviço Social na educação:** bases para o trabalho profissional. Florianópolis: ed. da UFSC, 2011. 182 p.

BASTOS, João Baptista (org.). **Gestão democrática.** 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BEAUDOIN, Marie-Natalie. **Bullying e Desrespeito: como Acabar com essa Cultura na Escola.** Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BORSA, Juliane Callegaro. **O papel da escola no processo de socialização infantil.** 2007. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0351.pdf>. Acessado em 27 de Novembro de 2010, às 19h.30min.

CARDOSO, Natália. O jogo dramático na prevenção do bullying – algumas experiências de intervenção da APAV. In: **Interações**, Nº. 13, 2009, 275-288pp. Disponível em <http://www.eses.pt/interaccoes>. Acesso em 04 de set. 2011.

CARVALHO, M.C. Brant. Famílias e políticas públicas. In: ACOSTA, Ana Rojas. VITALE, Maria Amália Faller – org. **Família- Redes, Laços e Políticas Públicas.** 4ª Ed. São Paulo: Cortez: Instituto de Estudos Especiais – PUC/SP, 2008.

Conselho Federal de Serviço Social – CFESS. **Código de Ética Profissional dos Assistentes Sociais**. 1993. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/home.php>

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade. Bullying - O Sofrimento as Vítimas e dos Agressores**. São Paulo: Editora Gente, 2008.

CHARLOT, B.. **A violência na escola**: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*, (8), 432-443. Recuperado em 02 de junho de 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/>

COLOROSO, Barbara. **The Bully, The Bullied, and the Bystander**. [n.p.]. Disponível em: <http://schools.hcdsb.org/mich/Safe%20Schools/Barbara%20Coloroso-%20The%20Bully,%20The%20Bullied%20and%20the%20Bystander.pdf>. Acesso em 30.10.2011, às 16h30min.

CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying, como Combatê-lo?: Prevenir e Enfrentar a Violência entre Jovens**. SP: Itália Nova editora, 2004.

DEBARBIEX, Eric & BLAYA, Catherine. **Violência nas Escolas e Políticas Públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

FABIS, Camila da Silva. GROSSI, Patrícia Krieger. **Os círculos restaurativos como estratégia de intervenção no fenômeno do bullying escolar: desafios e perspectivas**. 2009.

FABIS, Camila da Silva., DAMIN, Simone Thomaz., LOUREIRO, Luciane Bueira. E, SANTOS, Andréia Mendes dos. Identificando e Enfrentando o Bullying nas Escolas públicas e privadas de POA através de Círculos Restaurativos. In: **X Salão de Iniciação Científica – PUCRS**, 2009. 04pp.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para paz. 2. ed. Campinas: Versus Editora, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários: à prática educativa. 8. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade**. 6ª ed. São Paulo: Moraes, 1986.

GOHN, Mª da Glória Marcondes. **Movimentos sociais e educação**. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009 (Coleção Questões da nossa época; v. 5)

GROSSI, Esther. **A coragem de mudar em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GROSSI, Patrícia Krieger. e, FABIS, Camila da Silva. Os círculos restaurativos como estratégia de intervenção no fenômeno do bullying escolar: desafios e perspectivas. In: **Anais do IX Congresso Nacional de Educação e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. Outubro de 2009 – PUCPR. Curitiba: Ed. PUCPR, 2009. pp. 7949-7958.

GUARESCHI, Pedrinho. SILVA, Michele. **Bullying**: mais sério do que se imagina. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

GUEDES, Jéssica Samara Silva. SOUZA, Meiryelle Silva. LIMA, Shaeylha Dayanne S. SOUZA, Edson de Carvalho. **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes do ensino infantil ao ensino médio no Brasil**.

GUIMARÃES, Janaína Rosa. Violência escolar e o fenômeno 'bullying'. A responsabilidade social diante do comportamento agressivo entre estudantes. In: Revista Jus Vigilantibus, 24 de julho de 2009. [n.p.]. ISSN 1983-4640.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 15ed. São Paulo, Cortez, 2008

IAMAMOTO, M. V.; CARVALHO, R. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil**. São Paulo: Cortez/Celats, 1983.

JORGE, Samia Dayana Cardoso. O bullying sob o olhar dos educadores: um estudo em escolas da rede privada de Natal (RN). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2009. 122p.

KRIEGER Grossi, Patrícia. SANTOS, Andréia Mendes dos. **Desvendando o fenômeno bullying nas escolas públicas de Porto Alegre, RS, Brasil**. Revista Portuguesa de Educação, Vol. 22, Núm. 2, 2009, pp. 249-267. Universidade do Minho. Portugal

LOPES, Claudivan Sanches. GASPARIN, João Luiz. **Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente**. Maringá, v. 25, no. 2, p. 295-304, 2003. Disponível em: http://www.naoviolenca.org.br/pdf/Violenciaeconflitosnaescola_CLopeseJGasparin.pdf

LOPES NETO, AA. **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes**. *Jornal de Pediatria Online (Rio J)*. Vol. 81, nº5 (Supl.): p.164-172. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n55a06.pdf>. Acessado em 28 de Novembro de 2010, às 12h.00min.

LOSACCO, Silva. O jovem e o contexto familiar. In: ACOSTA, Ana Rojas. VITALE, Maria Amália Faller – org. **Família- Redes, Laços e Políticas Públicas**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez: Instituto de Estudos Especiais – PUC/SP, 2008, p.63-79.

MELO, Josevaldo Araújo de. **Bullying na escola: como identificá-lo, como previni-lo, como combatê-lo**. 2ª ed. Recife. EDUPE, 2010.

MINAYO, M. C.. **A violência social sob a perspectiva da saúde pública**. *Cadernos de Saúde Pública*, 10(supl. 1), 7-18. 1994. Recuperado em 03 de junho de 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/>.

MONTAÑO, Carlos. **A natureza do Serviço Social: um ensaio sobre sua gênese, a “especificidade” e sua reprodução**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

NETO, Antônio & SAAVEDRA, L. H.. **Diga não para o Bullying**. Rio de Janeiro: ABRAPI, 2004.

NOGUEIRA, Mª Alice. ROMANELLI, Geraldo. ZAGO, Nadir (orgs). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SANTOS, Andréia Mendes dos. FABIS, Camila da Silva. LOUREIRO, Luciane Bueira. DAMIN, Simone Thomaz. **Identificando e Enfrentando o Bullying nas Escolas públicas e privadas de POA através de Círculos Restaurativos**. 2009.

SILVA, Eurides Brito da. **A Educação Básica Pós-LDB**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

TATTUM & HERBERT. IN: DEBARBIEUX, E e BLAYA, C (orgs.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. Autora: Ana Beatriz Barbosa Silva. **Bullying**. Cartilha 2010 – Projeto Justiça nas Escolas. 1ª ed. Brasília/DF. 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília – Senado Federal, 1990.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília – Senado Federal, 1996.

BRASIL. MEC/SEPP/IR. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília. 2004. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/DCN-s%20-%20Educacao%20das%20Relacoes%20Etnico-Raciais.pdf>

BRASIL. Serviço Social da Indústria – SESI. **O que é Bullying?** São Paulo. 2010.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE TIRADENTES

“Bullying e sua repercussão na sociedade: um estudo no Colégio Estadual Antônio Mathias Barroso - Santana do São Francisco (SE)”.

Questionário para Alunos

1. Idade: _____ Sexo: F M
Série: _____ Turma: _____ Turno: _____
2. Você já intimidou ou agrediu alguém? _____

3. Você já deu tapas, empurrões, beliscou, colocou apelidos ofensivo ou amedrontou colegas? Se sim, com que frequência? _____
4. Fez isso sozinho ou com outros colegas? Com que frequência? _____
5. Nos últimos dias alguém reclamou que outro colega o estava importunando?
SIM NÃO . Caso positivo, qual o ato? _____

6. Já viu atos violentos acontecerem com algum colega? SIM NÃO . Qual? _____

7. E o que fez para tentar impedir? _____

8. Já sofreu algum tipo de intimidação ou agressão? SIM NÃO Como? _____

9. Quando ocorreu (idade)? _____
10. Quantas vezes isso aconteceu desde quando começou a estudar na escola? _____

11. Há colegas que te defendem quando os outros tentam te agredir? SIM NÃO . Como? _____

12. Onde ocorreram estas agressões? _____

13. Que tipo de violência sofreu? _____

14. O que aconteceu? _____

15. Quem te agrediu? _____

16. Eles são: da sua turma? Da escola? De onde? Por quê? _____

17. Contou para o professor sobre as agressões que sofreu? E aí? _____

18. Contou para teu pai ou mãe sobre o ocorrido? O que fizeram? _____

19. A quem atribui a culpa da violência continuar acontecendo? _____

20. Conhece o fenômeno Bullying? SIM NÃO . Se sim, como descreve? _____

21. Já presenciou alguma forma de Bullying? SIM NÃO . O que aconteceu? _____

22. O fenômeno Bullying ocorre em sua sala ou outro lugar que você frequenta? Como? _____

UNIVERSIDADE TIRADENTES

“Bullying e sua repercussão na sociedade: um estudo no Colégio Estadual Antônio Mathias Barroso - Santana do São Francisco (SE)”.

Entrevista com professores

1. Como caracteriza o comportamento dos alunos?
2. Algum aluno chama atenção por seu comportamento? Por quê?
3. O que faz para reverter o problema?
4. Já percebeu a implicância de alguns para com outros por alguma característica que este tem?
Como isto acontece?
5. Qual conhecimento que tem sobre bullying?
6. Já presenciou alguma cena de bullying? Em caso positivo, descreva.
7. Qual procedimento usado?
8. Acredita que a instituição está devidamente preparada para intervir em casos de bullying ou qualquer outro tipo de violência escolar?

UNIVERSIDADE TIRADENTES
“Bullying e sua repercussão na sociedade: um estudo no Colégio Estadual
Antônio Mathias Barroso - Santana do São Francisco (SE)”.

Entrevista com a Direção da escola

1. A escola está preparada para o enfrentamento de casos de violência escolar e/ou bullying? De que forma?
2. Há algum projeto ou elaborado pela escola como forma de prevenção do bullying? Qual?
3. Existe algum projeto ou programa para prevenção ou enfrentamento do fenômeno o qual a escola está inserida?
4. Há histórico de casos na escola?
5. Como se dá o relacionamento com a família?

UNIVERSIDADE TIRADENTES

“Bullying e sua repercussão na sociedade: um estudo no Colégio Estadual Antônio Mathias Barroso - Santana do São Francisco (SE)”.

Entrevista com pais

1. Acompanha o desempenho escolar do seu filho?
2. Com que frequência vai à escola?
3. Todos os seus filhos estão na escola? Em caso negativo, por quê?
4. Já reclamou a escola sobre algo acontecido com seu filho? Qual resposta obteve?
5. Se souber que seu filho foi agredido ou intimidado, qual o procedimento que usará ou já usou?
6. Seu filho (a) já se envolveu em algum conflito com outros colegas? Que tipo?
7. Em relação ao comportamento, se nota algo diferente (mudança de humor, agitação, dores, volta pra casa com material que não é seu ou danificado, etc.), o que faz?
8. Se percebe que seu filho possui comportamento do tipo egoísta, demonstra ar de superioridade, preconceituoso, arrogante, agressivo quando contrariado, não gosta de ficar em desvantagem, o que pensa ou faz?
9. O que entende por bullying?
10. Seu filho já sofreu ou está sofrendo bullying? Como?
11. Como você acredita que pode solucionar este problema?



Fig. 1 – CEAMB – Colégio Estadual Antônio Mathias Barroso.
Fonte: Acervo Pessoal



Fig. 2 – Secretaria e sala dos professores



Fig. 3 – Estudantes do CEAMB
Fonte: Acervo Pessoal



Fig. 4 – Coordenadora do CEAMB
Fonte: Acervo Pessoal



Fig. 5 – Estudantes do CEAMB
Fonte: Acervo Pessoal



Fig. 6 – Estudantes do CEAMB
Fonte: Acervo Pessoal